

A peste: um grande personagem da história de ontem e de hoje

Angela Roberti (UERJ)¹

Há quase noventa dias encontramos-nos em isolamento social, distantes das interações com familiares e amigos e afastados de nossas atividades sociais e até mesmo profissionais. Diariamente, somos assolados pelo medo e a ansiedade. Uma pandemia abate-se sobre o nosso planeta, ceifando vidas, milhares de vidas. O novo coronavírus (SARS-CoV-2) chegou ao nosso país logo depois do carnaval, em 26 de fevereiro, quando tivemos a notificação oficial do primeiro caso da doença COVID-19. Alguns dias depois, em 17 de março, o Ministério da Saúde confirmava o primeiro óbito por coronavírus no Brasil. E, desde então, a doença se alastra por nosso território, atingindo nossas cidades, alcançando nossos bairros, nossas casas, nossas famílias, nossos/as amigos/as, atacando indiferentemente todas as pessoas: mulheres, homens, idosos, adultos, jovens e até crianças....

A cidade do Rio de Janeiro, como outras tantas mundo afora, encontra-se ameaçada pela doença. Colocada em isolamento social, confronta-se com uma tensão e angústia diárias, vendo que as vítimas deixam de ser somente números para ganhar rostos e nomes de pessoas conhecidas/amigas ou de familiares. A vida alegre e ao ar livre, própria de uma cidade litorânea de clima tropical, confronta-se com a ameaça do contágio e um silêncio muitas vezes assustador. Uma torrente de dor e lágrimas, angústias e incertezas ameaça os hábitos e a cultura do/da carioca, impondo-lhe o fechamento das escolas, das lojas, das igrejas e dos parques, a regulamentação do comércio, a modificação do trabalho, a suspensão das atividades de lazer, o distanciamento familiar, a limitação das relações humanas, o uso de máscaras de proteção, medidas que tendem a reforçar a nossa aflição e mesmo o vazio e o silêncio da cidade. Desconfiadas, as pessoas procuram evitar umas às outras. Estima-se que a taxa de isolamento social esteja em queda, apesar de as vagas hospitalares na rede pública de saúde estarem em franco esgotamento. A decisão pelo *lockdown*, bloqueio geral decretado pelas autoridades governamentais, provocou debates acalorados, e as diversas instâncias dos poderes da República não se entenderam a respeito de sua decretação. As autoridades começam a flexibilizar o isolamento social, embora a curva da doença ainda esteja em franca ascensão.

Nesse clima de inquietação, recorremos à história. Investigar, pois, outros tempos, remotos ou próximos, permite ampliar a compreensão da condição humana, ajudando-nos a compreender, por sua vez, a sociedade contemporânea ou mesmo sobre ela intervir, na busca da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. E recorrendo à história, percebemos que, evidentemente, não é a primeira vez que a humanidade se defronta com uma pandemia. A história registra várias outras investidas de microrganismos contra os homens, mulheres e crianças de outros tempos e em diferentes espaços.

Para o médico infectologista Stefan Cunha Ujvari, é possível, e até mesmo necessário, contar a história da humanidade por meio dos vírus: “vírus e bactérias têm sido protagonistas centrais, não meros coadjuvantes, do processo histórico”, afirma ele. (UJVARI, 2019, p. 7). O avanço nos estudos e a compreensão do DNA ou RNA dos microrganismos que causam doenças na humanidade tem permitido o mapeamento da “globalização antiga e contínua dos germes” (UJVARI, 2019, p. 7), a ponto de ser possível estabelecer “quando e como as epidemias atuais (como a dengue, tuberculose, aids, “gripe do frango”, ebola, hepatite etc.) iniciaram-se de maneira lenta e silenciosa anos e décadas atrás” (UJVARI, 2019, p.7-8). Por meio dos avanços científicos e

¹ Doutora em História Social (PUC-SP). Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Prática de Ensino (LPPE), sediado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UERJ. Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* - LABELLE.

dos estudos genéticos, já é possível saber como as epidemias “condicionaram a existência humana, dizimando populações, estimulando conflitos, infectando combatentes, promovendo êxodos, propiciando miscigenações, fortalecendo ou enfraquecendo povos”. (UJVARI, 2019, p. 8).

Seguindo, portanto, os rastros dos microrganismos (vírus, bactérias, parasitas etc.), podemos escrever parte significativa da história ao longo do tempo, de modo a perceber como homens e mulheres lidaram com as epidemias e que transformações elas provocaram no processo histórico, na vida cotidiana e nos comportamentos coletivos. No Ocidente, talvez a mais conhecida - e temida - das epidemias tenha sido a de Peste Negra que se alastrou entre os séculos XIV e XVII. Acredita-se que a peste tenha se propagado a partir da Ásia, mais especificamente da região da Crimeia, da qual teria se alastrado, por terra e por mar, para a Europa, provocando o desaparecimento integral de famílias e de conventos. (LE GOFF, 2007, p. 64) As devastações da “Morte Negra”, como ficou conhecida essa pandemia, entre os anos 1348-1351, eliminou “a terça parte do mundo” (DELUMEAU, 1989, p. 107), provocando uma catástrofe demográfica. Por seus reaparecimentos constantes, de forma atenuada ou explosiva, a peste causava um estado de nervosismo e medo constantes nas populações europeias. (DELUMEAU, 1989, p. 108)



Sepultando vítimas da Peste Negra em Tournai, em 1349, reproduzido dos anais de Gilles Le Muiset.

Figura 1 - In: LOYN, H.R., *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991:298

“O tempo da peste é o da solidão forçada”, afirma o historiador Jean Delumeau (1989, p. 123). Solidão na vida, que segue trancafiada no interior dos lares sob o peso do medo; solidão na doença, que segrega o doente quando ele mais precisa de cuidados e carinho; solidão na morte, que se reveste de anonimato com a supressão dos ritos que culturalmente acompanham a partida dessa vida. Foi assim com o “flagelo da Idade Média” (1989, p. 126); foi assim também no século XX, quando surgiu uma outra pandemia tão devastadora quanto outras que marcaram a história: a *gripe espanhola*. E tem sido desse jeito nos tempos atuais de COVID-19.



Figura 2 - Triunfo da Peste- Pintura siciliana - autor desconhecido, aproximadamente 1400. Domínio Público- Google

“A fome e a guerra contribuem incontestavelmente para enfraquecer a resistência humana”, escreveu o historiador medievalista Jacques Le Goff. (1997, p. 118), fazendo referência à “grande peste”, que, numa combinação desastrosa com a fome e a guerra, foi responsável por ceifar a vida de milhares de pessoas. Podemos nos apropriar dessa frase e transpô-la para o século XX. No decurso da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um conflito longo, doloroso e extremamente mortal, jamais travado, tanto por sua amplitude quanto por sua intensidade, cerca de 10 milhões de pessoas, entre militares e civis, perderam suas vidas. Nesse cenário de destruição e morte deixado pelas batalhas da guerra, no qual se espalhavam, de ambos os lados beligerantes, mortos e feridos, verificou-se, também, todo um rastro de devastação de campos e cidades atingidos direta ou indiretamente pela guerra. A fome grassava na Europa, e, com ela, a resistência da população diminuía.



Em 1918, último ano da guerra, um novo inimigo surgiu, silenciosa e sorrateiramente: a chamada ‘gripe espanhola’. Durante muito tempo, acreditou-se que o *terrível morbus* tivesse surgido na Espanha, provavelmente em fevereiro de 1918, na cidade de San Sebastián, um porto turístico movimentado à beira do Golfo da Biscaia, costa setentrional espanhola. Entretanto, pesquisadores sustentam que, embora a Espanha tenha acusado muitos casos, que chegaram, inclusive, a ser relatados oficial e abertamente, o motivo da alcunha pode ter razões políticas. Outros países europeus, ainda em guerra, ao contrário da Espanha, cuja posição no conflito mundial foi de neutralidade, mitigavam seus dados sobre a incidência da doença e apresentavam reservas em relação a uma parte do governo espanhol, que expressava simpatia pelo Império Alemão. (GOULART, 2005, p. 102). Há, ainda, os que defendem o surgimento da gripe nos campos de treinamento militar nos Estados Unidos, tendo seu espalhamento se concretizado no rastro das tropas que se deslocavam rumo à Europa.

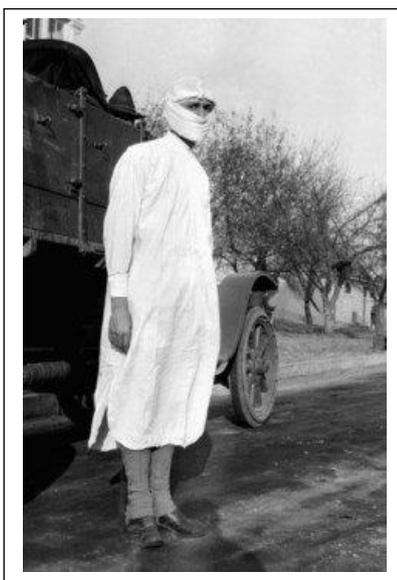


Figura 4 - Soldado americano coberto por um lençol para prevenir o contágio da gripe. 1919 KIRN VINTAGE STOCK/CORBIS VIA GETTY IMAGES. Domínio Público- Google.

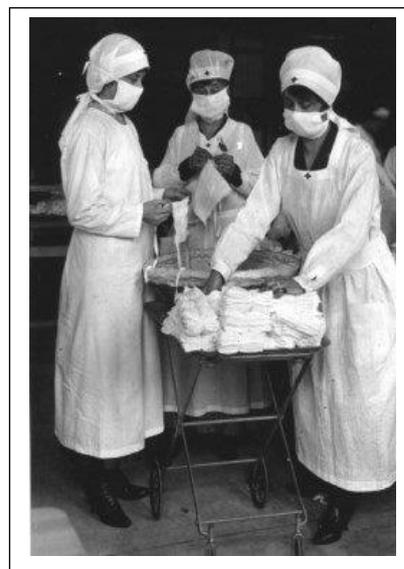


Figura 5- Trabalhadoras da Cruz Vermelha de Boston, Massachussets, retiram máscaras de uma pilha que é destinada a militares norte-americanos. 20 de março de 1919 - PHOTOQUEST/GETTY IMAGES. Domínio Público- Google.

A princípio, pensou-se que a moléstia não passava de uma gripe banal, sem maiores impactos. No entanto, decorridos dois meses do início de seu aparecimento, o quadro era outro. A Espanha mesmo contava com milhões de enfermos, e a gripe revelou-se devastadora no continente Europeu, atingindo civis e militares que se movimentavam em direção ao front, aí incluídos soldados estadunidenses.

De acordo com Schatzmayr e Cabral, “cl clinicamente a doença começava como uma gripe comum, mas os doentes desenvolviam rapidamente um quadro de pneumonia grave”. (2012, p. 58). Em oito meses de circulação do vírus, anotou-se uma taxa de mortalidade entre 50 e 100 milhões de pessoas, números maiores do que o de vítimas fatais registrados nas duas guerras mundiais que marcaram o século XX.

A ‘gripe espanhola’ aconteceu em duas ondas. A primeira, entre fevereiro e julho de 1918, apresentou-se sob uma forma branda; uma gripe, bastante contagiosa, embora não causasse mais de três dias de febre e mal-estar (Schatzmayr; Cabral, 2012, p. 58). Na segunda onda, a partir de agosto, a doença adquiriu uma forma grave, extremamente mortal; a gripe rapidamente evoluía para um quadro de insuficiência respiratória aguda, com altas taxa de letalidade, transformando-se em

uma verdadeira “peste assassina”. Na primeira onda, esteve mais restrita à Europa e aos Estados Unidos, enquanto a segunda onda atingiu, prioritariamente, a Ásia, a África, e as regiões central e sul do continente americano. (Schatzmayer; Cabral, 2012, p. 58).



Figura 6 - Soldados de Fort Riley, Kansas, acometidos pela gripe espanhola, sendo tratados em uma enfermaria de Camp Funston. Domínio Público- Google.

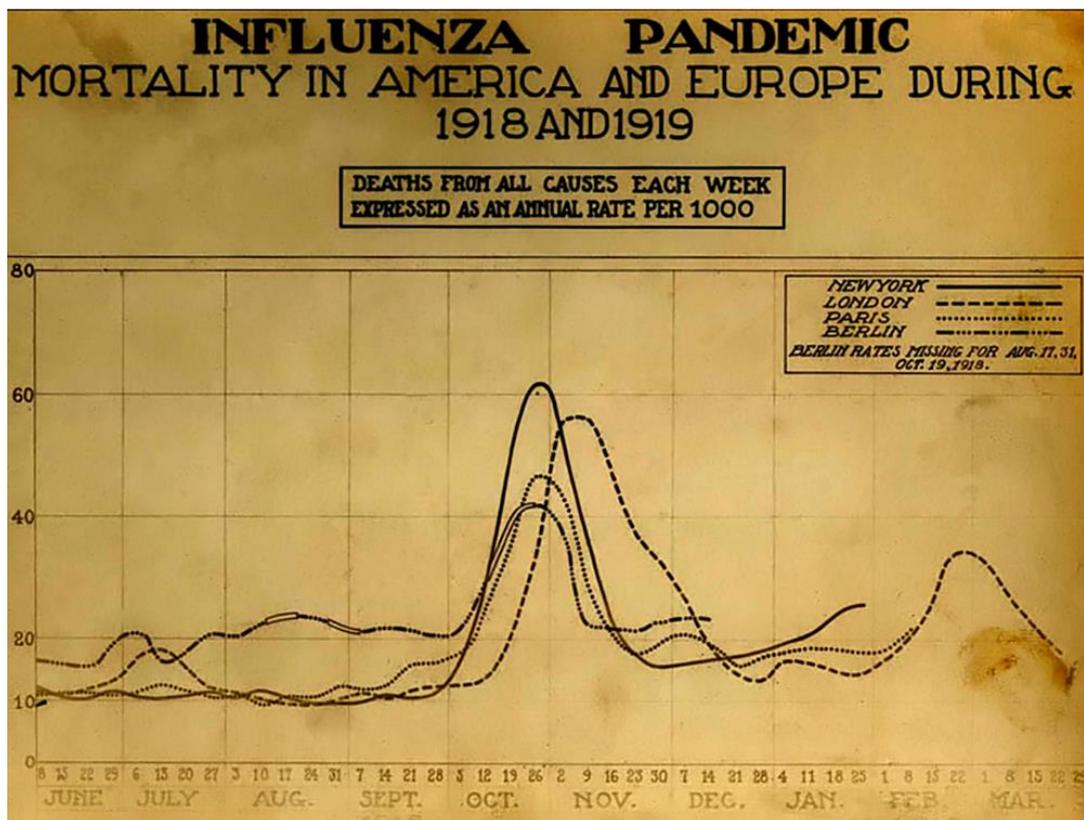


Figura 7 – Gráfico - Número de mortos em Berlim, Londres, Nova Iorque e Paris em 1918-1919. Domínio Público- Google.

No Brasil, os primeiros registros de casos da epidemia ocorreram em setembro de 1918. Acredita-se que o vírus tenha entrado no país pelo porto do Recife, através de marinheiros brasileiros que faziam operações militares em Dakar, capital do Senegal, na costa ocidental africana. Outra possibilidade é que o vírus tenha vindo no navio mercante inglês *Demerara*, o qual zarpu de Liverpool com destino ao Rio de Janeiro, aportando, ao longo da travessia pelo Atlântico, em Dakar, Recife e Salvador.



Figura 8 – Careta (02/11/1918:11) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR

Em território brasileiro, a gripe rapidamente espalhou-se pelo Nordeste e seguiu rumo ao Sudeste. Em Recife, em 1 de outubro de 1918, o periódico operário *Tribuna do Povo*, de orientação anarquista, estampava na primeira página uma notícia em cujo teor inicial verifica-se a preocupação com a epidemia:

A Epidemia

Não há dúvida, que as notícias da nova epidemia trazem seriamente preocupadas muitas pessoas.

O fato de uma dor de cabeça ou de uma vulgar vontade nos intestinos é o suficiente para muita gente se julgar contaminada. [...]. (*Tribuna do Povo*, 1/10/1918, p. 1)

A 10 de novembro de 1918, o mesmo jornal não perdeu oportunidade de criticar o Estado sobre a condução da epidemia da influenza e denunciar a precária situação social em que se encontrava inserida a classe trabalhadora:

A epidemia e o Estado

A epidemia da influenza tem servido para pôr em foco a incapacidade da organização burguesa e sua incompetência para assegurar o bem-estar, o conforto e a saúde de todos os indivíduos. A epidemia veio encontrar o povo na miséria, nessa miséria que parece já se tornou crônica e que nestes quatro últimos anos chegou no maior dos extremos.

Quantas cenas de dor e de miséria! Quantas desgraças evitáveis! Num arrabalde de Maceió (Alagoas) uma família inteira pereceu vitimada pela influenza e completamente abandonada. E o Estado, que se intitula o regulador de tudo, que nos cobra impostos pesadíssimos sob o pretexto de velar por nós, assistindo a tudo isso sem nada poder fazer, completamente impotente, com a sua incapacidade em foco, como que a pedir que a Anarquia venha a toda a pressa tomar o seu lugar.... (Tribuna do Povo, 1/02/1919, p. 4. – Órgão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco – Recife).

Miséria, doença, mortes e a incapacidade do Estado, segundo o jornal, selavam o drama daqueles dias de epidemia, revelando a ineficácia da “organização burguesa” para garantir a saúde dos indivíduos, e apontando para a Anarquia como possibilidade de realização naquela conjuntura de equilíbrios rompidos.

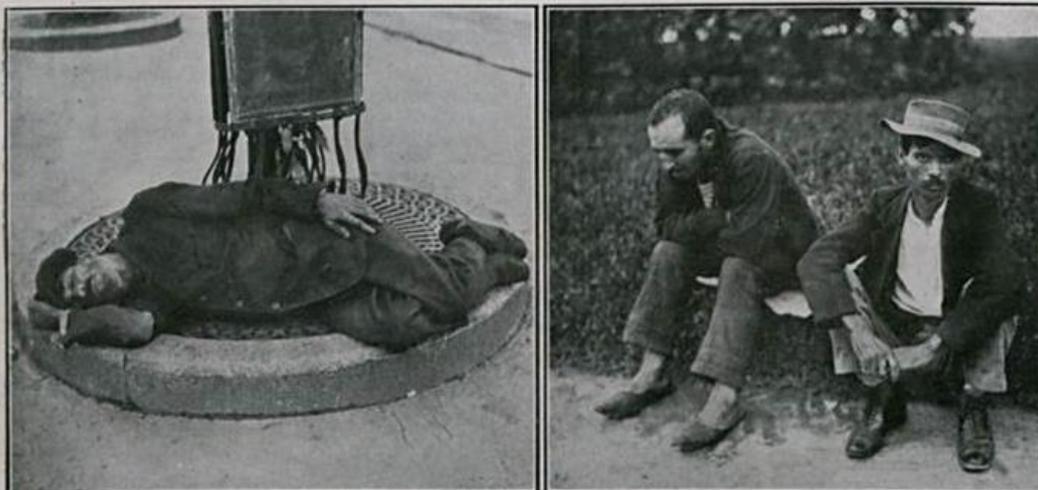


Figura 9 - Mulheres trabalham com máscaras durante epidemia de gripe espanhola, em 1918. In.:

<https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/coronavirus-resgata-recomendacoes-e-medidas-restritivas-da-epidemia-de-gripe-espanhola.html>

Na cidade-capital, o “vírus influenza do tipo A, linhagem H1N1”, identificado apenas por estudos recentes, fez grande estrago, ceifando cerca de 15 mil vidas e deixando aproximadamente 600 mil pessoas enfermas, numa população da ordem de 910.610 habitantes. (GOULART, 2005, p. 105) Juliana Rocha, no artigo *Pandemia de gripe de 1918*, publicado no portal da FIOCRUZ, escreveu que “bancos, repartições públicas, teatros, bares e tantos outros estabelecimentos fecharam as portas ou por falta de funcionários ou por falta de clientes” (2006, p. 2). Autoridades, ainda que perplexas com a forma avassaladora e dramática com que a doença evoluía, registrando altas taxas de letalidade, recomendavam que a população evitasse aglomerações. No auge da epidemia, um temor coletivo assombrava a cidade vazia e paralisada. O caos estava instalado. Há registros de falta de alimentos, saques, mortos nas ruas, corpos empilhados, cadáveres insepultos, covas coletivas, falta de pessoal para cuidar dos doentes e mesmo das vítimas fatais.

A epidemia da gripe no Rio



Doentes de «influenza hespanhola», na Praça Quinze de Novembro

Figura 10 - Careta (26/10/1818:8) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR

A “influenza hespanhola” no Rio



A Avenida Rio Branco, sabbado, ás quatro horas da tarde, quasi deserta.

Figura 11 - Careta (26/10/1918:14) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR

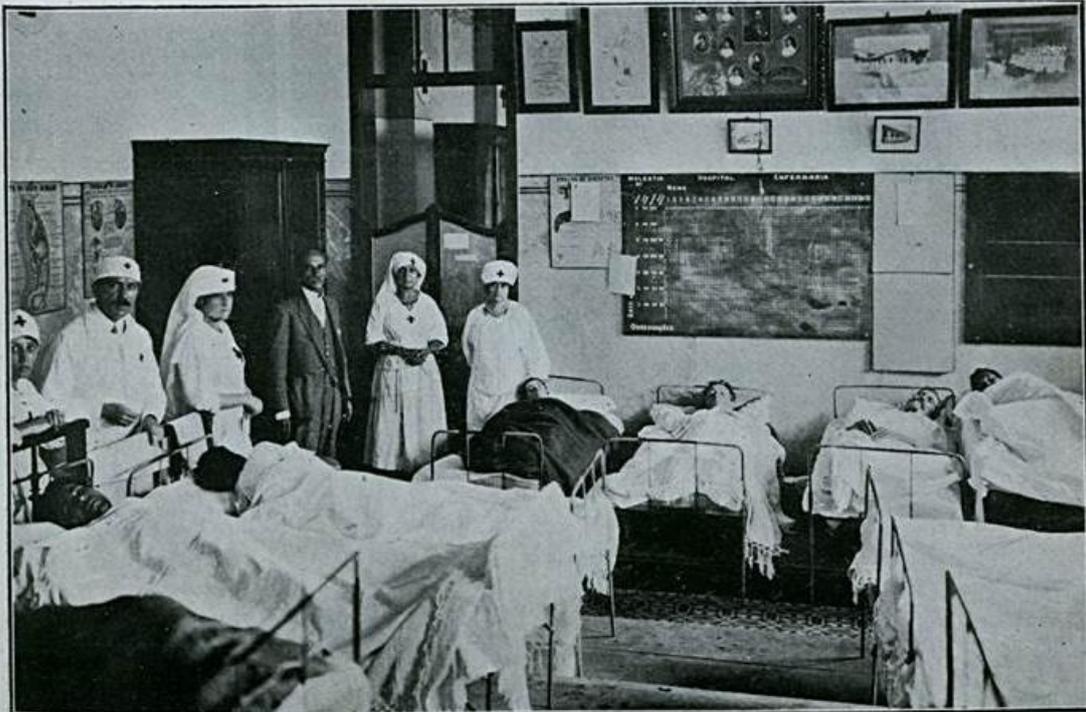
O saber médico não era suficiente para tratar os enfermos e se tornou evidente a inoperância das autoridades políticas e dos responsáveis pela saúde pública, tanto no que se referia ao controle da gripe quanto no atendimento básico à população doente. Com a cidade à beira de um colapso, o atendimento da população ficou dependente, na maior parte do tempo, das ações realizadas por instituições privadas não vinculadas ao Estado, como igrejas, escolas, clubes e, sobretudo, a Cruz Vermelha Brasileira. (GOULART, 2005, p. 109).

A epidemia da gripe no Rio



Enfermeiras da Cruz Vermelha que estão tratando dos grippados

Figura 12 - Careta (26/10/1918:15) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR



Doentes de gripe, no hospital da Cruz Vermelha Brasileira

Figura 13 - Careta (26/10/1918:15) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR

Segundo Ricardo A. dos Santos, pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz, o escritor Pedro Nava teria feito o seguinte relato memorialista dos acontecimentos de 1918:

[...] Aterrava a velocidade do contágio e o número de pessoas que estavam sendo acometidas. Nenhuma de nossas calamidades chegara aos pés da moléstia reinante: o terrível não era o número de casualidades - mas não haver quem fabricasse caixões, quem os levasse ao cemitério, quem abrisse covas e enterrasse os mortos. O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes, a impossibilidade de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva. (NAVA apud SANTOS, 2006, p. 139).

Como se pode verificar, uma tragédia sanitária de proporções assustadoras abateu-se sobre o Rio e seus habitantes naquela primavera de 1918. As precárias condições de vida das camadas populares na cidade encontraram ressonância no alastramento da doença, que, embora atingisse a todos, fez suas maiores vítimas entre os mais pobres, que habitavam os subúrbios e as habitações coletivas, como os cortiços. (WISSENBACH, 1998, p. 104). A gripe não poupou nem mesmo o conselheiro paulista Rodrigues Alves, eleito presidente em março de 1918 para um segundo mandato presidencial. Sua posse deveria ocorrer em 15 de novembro, mas o político, com a saúde já fragilizada, foi acometido pela ‘gripe espanhola’ e não pôde assumir o mandato, que passou a ser exercido pelo vice-presidente, Delfim Moreira. Rodrigues Alves veio a falecer em janeiro de 1919 e novas eleições foram convocadas.



Figura 14 - Careta (2/11/1918: 21) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR

Proliferações periódicas de microrganismos eram (e são) comuns, sobretudo quando a estrutura sanitária é precária, e o acesso às redes de água potável e tratamento de esgoto são insuficientes em sua cobertura e mesmo deficientes em suas funções. A essa estrutura sanitária limitada, é possível acrescentar os níveis salariais baixos dos trabalhadores e o seu precário poder de consumo, que, por sua vez, se refletiam no deficiente padrão alimentar e na insalubridade da maior parte de suas

moradias. As deficitárias condições de saúde e higiene, assim como o difícil acesso à informação e à educação selavam o drama da existência das camadas populares na época, mais suscetíveis à contaminação. Portanto, limites bem definidos circunscreviam as possibilidades de sobrevivência desses grupos, que ainda enfrentavam o aumento do custo de vida e a alta constante dos gêneros alimentícios e dos aluguéis.

Sombrias previsões atormentaram por meses a *cidade sitiada*, cuja dinâmica foi profundamente perturbada e alterada. Jornais e revistas da época, como *Correio da Manhã*, *A Noite*, *A Razão*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Careta* e *Fon-Fon*, por exemplo, traziam estampadas, em suas páginas, a perplexidade da medicina ante a “influenza hespanhola”, destacando as dezenas de vidas brasileiras sacrificadas, o trabalho diuturno de médicos e farmácias, o fechamento de vários estabelecimentos como a Escola Militar, a Light, lojas e fábricas. Até mesmo a Câmara teve suspensas suas sessões. (*A Noite*, set/out 1918) Informavam, igualmente, sobre a desinfecção em domicílios e repartições públicas, os pedidos de moratória dirigidos pelo comércio ao presidente da República, as demandas constantes por hospitais e leitos. Além disso, abriam espaço em suas páginas para a publicação de uma vasta lista com o nome de inúmeras vítimas fatais da doença. (*Correio da Manhã* out./1918). Ademais, a imprensa alertava sobre o contágio que se fazia pelo ar e era praticamente inevitável, informando, ainda, sobre casas infectadas, suspensão de diversas atividades laborais e a queda nas arrecadações da Prefeitura.



Figura 15 - *Careta* (26/10/1918:17) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR

Carlos Seidl, então diretor-geral de Saúde Pública, que negligenciou a gravidade da “influenza hespanhola”, razão pela qual foi severamente acusado de inércia pela imprensa, acabou exonerado. A crítica, na verdade, não era apenas a Seidl, mas ao governo de Wenceslau Braz por sua inação no combate à terrível pandemia, a morosidade com que estabeleceu ações profiláticas mais efetivas. O Estado, assim, deixava de cumprir uma de suas mais caras obrigações: zelar pela saúde da população. A imprensa e opinião pública não poupavam críticas às autoridades políticas e médico-sanitárias.

Oração contra a peste

Como remedio infallivel contra a «influenza hespanhola», mandaram-nos a seguinte oração contra a peste, do responso de Santo Antonio :

Si quæris miracula,
Mors, error, calamitas,
Dæmon, lepra fugiunt
Ægri surgunt sani.

Cedunt mare, vincula,
Membra, resque perditas
Petunt et accipiunt
Juvenes et cani.

Pereunt pericula,
Cessat et necessitas ;
Narrent hi qui sentiunt,
Dicant Paduani.

TRADUÇÃO

Si desejas milagres, fugirão a morte, o erro, a calamidade, o demonio, a lepra; os doentes ficarão sãos. Desapparecem o mar e os obstaculos; moços e velhos que o pedirem, acharão as cousas perdidas. Aniquilam-se os perigos, cessa a necessidade; narrem aquelles que o sentem; que o digam os Paduanos.

Figura 16 - *Careta* (9/11/1918:21) - Hemeroteca da Biblioteca Nacional-BR

Somente em março de 1919, o *Correio da Manhã* anunciava a reabertura das escolas municipais, fechadas havia cinco meses, desde outubro do ano anterior. (*Correio da Manhã*, 11/03/1919, p. 4). Neste mesmo ano, aliás, novos surtos da ‘espanhola’ foram registrados, ameaçando e apavorando, mais uma vez, a população carioca, que temia o recrudescimento da moléstia.

Crise sanitária, crise econômica, crise política: um quadro dramático de proporções assustadoras acabou contribuindo para fazer daquela conjuntura uma das mais explosivas e tensas da história da Primeira República, com protestos, ações e reivindicações variados levados a efeito pelos trabalhadores e grupos anarquistas, socialistas e sindicalistas nas ruas da cidade e mesmo do país.

Uma história social das doenças nos fornece as condições para compreendermos a manifestação de padrões de comportamento humano comum em situações-limite de pandemia. Estudiosos da temática advertem que as grandes epidemias apresentam as mesmas estruturas. Primeiro, observa-se o medo em relação a doença pela ameaça do contágio e a iminência da morte; na sequência ocorre a tentativa de negar a existência da moléstia ou mesmo minimizar seu alcance, prevalecendo o discurso de que a doença não será tão forte; por fim, dá-se o reconhecimento do problema e a busca pela solução. (MOTTA, 2020, p. 1). Esse movimento obedece, ainda, à lógica de responsabilizar outrem, encontrar potenciais culpados pela disseminação da doença. Normalmente, é sobre o estrangeiro que recai a culpa, uma vez que, por não pertencer à comunidade, sempre é objeto de desconfiança.

Esse comportamento foi notado no decurso da gripe espanhola no Brasil. E pode ser percebido na atuação do governo federal de hoje, quando enfrentamos o novo coronavírus. No início de 2020, pensava-se que a doença não chegaria ao país, mas, quando o vírus foi detectado no território brasileiro, seu poder de contágio e virulência foram negligenciados pelo presidente da República, que chamou a COVID-19 de “gripezinha” e ainda subestima a importância das táticas de isolamento social. E, desde março, a despeito da ausência de uma política pública integrada no combate à

doença, vimos tentando enfrentar a situação, que se encontra ampliada pela grave crise política que envolve o país. Desse modo, nossa sociedade passa por enorme sofrimento, contando milhares de infectados e outros tantos de mortos. Choramos pela vida de brasileiras e brasileiros que perderam a batalha para a doença e lamentamos a gestão negacionista e irresponsável do governo federal, que desconsidera os dados provenientes do conhecimento científico.

Referências

- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOULART, A. da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. In. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 12, n. 1, jan.-abr. 2005. pp. 101-142.
- LE GOFF, Jacques (Org.) *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *A Idade Média explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- MOTTA, Débora. *História e pandemia: lições de um passado que se repete*. Disponível em: < www.faperj.br/id=3970.2.4 > Acessado em 2 mai. 2020.
- ROCHA, Juliana. *Pandemia de gripe de 1918*. Disponível em: < <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7> > Acessado em 2 mai. 2020.
- SANTOS, Ricardo A. O carnaval, a peste e a ‘espanhola’. In. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 13, n. 1, jan.-mar.-2006. pp. 129-158.
- SCHATZMAYR, Hermann G.; CABRAL, Maulori C. *A virologia no estado do Rio de Janeiro: uma visão global*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.
- UJVARI, Stefan Cunha. *A história da humanidade contada pelos vírus: bactérias, parasitas e outros microrganismos*. São Paulo: Contexto, 2019.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 49-130.